

Comunicação

"Mobilidades improváveis e identidades transientes: vidas em fuga da pobreza"

A apresentação que preparei para este simposio pretende dar conta do actual estado da minha investigação de doutoramento, processo que se encontra neste momento a sair da fase etnográfica de terreno. O que vos trago hoje são algumas notas e reflexões teóricas prévias em torno das 'identidades de classe' e das conceptualizações que conto virem a ter um papel central no trabalho interpretativo que me resta fazer.

Na minha investigação o objecto são famílias cujas histórias de vida aparecem marcadas por períodos longos de vida em situação de pobreza e privação material e que se encontram neste momento em processo de mobilidade positiva para fora dessa condição social. Nalguns casos, os movimentos em causa são o que a sociologia das classes chama "mobilidades de curto alcance" e muitas das situações são objectivamente precárias e eventualmente reversíveis.

Ao analisar a vida destas famílias, interessam-me duas coisas. Uma é, através das percepções e das avaliações subjectivas dos próprios sujeitos e da identificação de eventuais factores externos propiciadores, tentar compreender as condições excepcionais em que estes movimentos de ruptura com a pobreza e de ascensão social se tornam possíveis. A segunda, situa-se ao nível das construções identitárias e do modo como os mesmos sujeitos narram as suas trajectórias de vida, as condições sociais de que partiram e a que conseguiram chegar e, de um modo mais geral, o retrato ideológico que estes verdadeiros trânsfugas apresentam nas suas reflexões sobre a estrutura de desigualdades e o conjunto das relações sociais contemporâneas.

O conceito de classe é um dos conceitos chave nesta investigação. Utilizo-o sobretudo como uma categoria de análise, não tanto para designar grupos de desigualdade, mas mais como uma construção discursiva, que junta factores culturais (ligados ao prestígio dos papéis ocupacionais) com pressupostos marxistas consensuais (que destacam a importância das posições definidas a partir do sistema económico) para definir o essencial dos posicionamentos dos sujeitos no espaço social.

Independentemente das definições em causa, a origem do conceito de classe nada tem a ver com a antropologia, disciplina que aliás é particularmente demorada na sua

apropriação. Se descontar-mos alguns trabalhos percursivos da década de 40 e 50, as aplicações mais regulares e capazes de produzir algum debate e refinamento de ideias só surgem entre o final da década de 70 e os anos 80.

A entrada do conceito processa-se, praticamente em simultâneo, em duas direcções distintas de investigação. A primeira, mais distante dos meus interesses, decorre do acompanhamento por parte dos antropólogos dos processos de expansão global do capitalismo e da inserção no sistema-mundo dos países que correspondiam às antigas colónias ocidentais. Nos contextos pós-coloniais, a análise antropológica reforçou a atenção dedicada aos processos de mudança social e aos fenómenos de aculturação e, entre estes, à formação de relações de classe e à sua sobreposição nestas sociedades com as estruturas tribais, raciais e étnicas pré-existentes. Nesta perspectiva de trabalho, as classes são sobretudo consideradas nas suas dimensões culturais e ideológicas, como base para um novo modo de organização social que nasce das transformações nas infra-estruturas produtivas, mas que se consubstancia em sistemas de relações, símbolos e ideias ligando indivíduos e grupos. [Bons exemplos da materialização desta abordagem podem ser encontrados nos trabalhos de Kathleen Gough, *Rural society in Southeast Ásia*; Joan Vincent, *Teso in transformation The political economy of peasant and class in East África*, ou de Eric Wolf, *The people of Puerto Rico*.]

A segunda linha de investigação que mobiliza o conceito de classe em antropologia é norte-americana, como a primeira, e deriva da tradição doméstica dos estudos de comunidade. Se excluirmos Lloyd Warner e o projecto sobre Yankee City e mais tarde alguns trabalhos como o de Ulf Hannerz, as etnografias que marcam a antropologia urbana descendente da Escola de Chicago preferiram durante muito tempo concentrar-se em tópicos antropológicos clássicos e, de caminho, evitar qualquer tipo de macroanálise. Só no final da década de 80 surgem os primeiros trabalhos que erigem as classes sociais como categorias centrais e ligam a análise de situações concretas de grupos sociais às dinâmicas complexas que reproduzem a estrutura de desigualdades. [Katherine Newman, *Falling from grace*; Penélope Eckert, *Jocks and burnouts: social categories and identity in the high school*; Julie Bettie *Women without class. Girls, race and identity*.]

Desse conjunto destacaria Sherry Ortner, autora de *New Jersey dreaming: capital, culture and the class of 58*^{*}, monografia onde se examina a maneira como a condição de classe é vivida e se reflecte nas representações e na vida quotidiana de um conjunto de indivíduos que ascendem das classes trabalhadoras aos estratos superiores da classe média norte-americana. O contributo de Ortner é particularmente valioso porque a autora nos lega, além desse trabalho de fundo, uma série de textos onde explana as suas

* Reading America.
Identities: the hidden life of class.

propostas para o que pode ser uma perspectiva antropológica sobre o significado que as desigualdades de classe têm nas culturas e nas identidades sociais contemporâneas.

O projecto de Ortner é conduzido – palavras da autora, pela ideia maior de estudar “a cultura americana como sistema capitalista e o capitalismo americano como sistema cultural”. Mais do que um simples jogo de palavras, o que se trata aqui é de enfatizar o princípio da indissociabilidade destas duas ordens de realidade e a necessidade de, nas sociedades capitalistas, considerar de um ponto de vista cultural os fenómenos que são próprios das classes. O que a autora propõe é que aquilo que já constitui uma prática corrente da antropologia - perspectivar como construções culturais as dimensões ditas objectivas dos fenómenos sociais, seja extensível à análise das classes.

Traduzidos empiricamente, os objectivos de Ortner são de dois tipos. Em primeiro lugar, pegando na definição objectivista das classes e reconhecendo que a lógica e a organização do sistema capitalista conduz à formação de posições sociais diferenciadas pela distribuição da riqueza, Ortner propõe-se estudar a evolução das estruturas sócio-económicas norte-americanas e, paralelamente, as reestruturações ocorridas na estrutura de classes. Ortner distancia-se neste ponto de noções mais substancialistas das classes como grupos concretos, mas acredita que a ideia de ‘classe’ é a única que permite capturar a dimensão económica das desigualdades, dos privilégios e das diferenças sociais.

Em segundo lugar, dado que o capitalismo é uma construção cultural existente no mundo sob a forma de ideologias, práticas e instituições de que os sujeitos são portadores, as classes poderiam igualmente ser tratadas como fontes para a formação das identidades. É aqui que incide o principal interesse de Ortner: pegar nos discursos dos sujeitos sobre si próprios e sobre os outros e nos discursos existentes na sociedade, para reconstituir as componentes de classe das identidades pessoais. No trabalho de Ortner, o conceito de classe recobre este duplo sentido, posicional e identitário.

Outro dos pressupostos da autora aplicáveis à análise das identidades de classe é que as classes se constituem relacionalmente, ou seja, que cada classe precisa de tomar as outras como referências implícitas para se definir a si própria. Podemos pensar normalmente as relações de classe como relações entre classes diferentes, mas seria mais realista, segundo Ortner, pensar que cada classe possui também, sob formas distorcidas e ambíguas, as outras classes dentro de si. Esta introjecção é particularmente verdadeira e necessária na análise das culturas das classes subordinadas, por vezes divididas entre escolhas problemáticas quanto a continuar dentro da sua cultura original ou adoptar formas culturais próprias de grupos de referência.

Uma terceira premissa de Ortner é que, pelo menos na sociedade americana, a **classe está sempre fortemente interligada com a raça e a etnia**. Ainda que as classes emirjam da racionalidade da economia capitalista, de lucros e perdas, e as diferenças raciais e étnicas resultem duma lógica de identidades internamente partilhadas e exteriormente atingidas por preconceitos e estigmas, a classe, a raça e a etnia estão tão implicadas ao nível discursivo que não faz sentido separá-las¹. Ortner não acha que as linguagens teóricas que falam de 'interacção' ou 'intersecção' entre os diferentes eixos de desigualdade, sirvam para esclarecer a ligação entre os fenómenos. Advoga por isso proposições mais explícitas sobre a efectiva vinculação de raça, etnia e classe: para ela, na sociedade americana, não há categorias de classe que não estejam de algum modo racializadas e etnicizadas ou, do ponto de vista inverso, não há categorias raciais e étnicas que não sejam desde logo categorias de classe.

Um dos motivos que levaram Ortner a estudar as relações entre classes e cultura foi o da **invisibilidade das categorias de classe** na sociedade americana, classes essas quase sempre ausentes de todas as formas de discurso, quer elas sejam públicas, ou privadas e relacionadas com a expressão das identidades de actores particulares².

Ora, curiosamente, há uma **corrente contemporânea na sociologia britânica** [Savage (2000), Skeggs (1997), Reay (1998), ou Bottero(2005)] que estabelece o mesmo diagnóstico de apagamento identitário que encontramos em Ortner, e que tem vindo, desde o final da década de 90, a debruçar-se sobre aquilo a que prefere chamar "**desidentificação**", procurando proceder a uma reterorização completa das identidades de classe.

Uma das propostas teóricas mais desenvolvidas desta corrente pertence a Fiona Devine e a Mike Savage (2000) e é apelidada de "**análise culturalista das classes**". Em alternativa aos modelos sociológicos clássicos que pressupunham serem as estruturas de desigualdade e as classes economicamente definidas a dar origem às diferenças culturais e de estatuto, Devine e Savage apontam o foco da análise para o modo como os **processos culturais estão embebidos em tipos específicos de práticas sociais e económicas**. Savage é bastante claro acerca das suas intenções ao afirmar que o seu projecto é tratar "a análise das classes como um modo de análise cultural" (2000), o que, em termos operatórios, obriga a identificar um ou vários contextos da vida social e ver como neles se produzem e reproduzem quotidianamente processos de desigualdade que envolvem, em

¹ Os discursos não são apenas linguagens mas realidades operativas. Não se limitam a organizar semântica e ideologicamente um campo de categorias culturais acerca da diferença social; são a base e o objecto para práticas sociais reais.

² Na América, quando muito, os discursos identitários pessoais traduzem em termos raciais e étnicos as diferenças de classes.

simultâneo, práticas económicas e culturais. A fusão dos elementos culturais e económicos dispensa a existência de consciências ou identidades formadas pelas classes enquanto entidades, assim como a presença de conjuntos de disposições culturais uniformes; o que estabelece a relação entre classe e cultura é o modo como os aspectos culturais estão implicados em formas de exclusão e dominação.

Do mesmo modo, os indivíduos não têm que reconhecer classes ou identificarem-se com grupos ou categorias de classe, para que os processos de classe tenham lugar e as identidades se exprimam. Cada localização de classe deixou de fornecer aos seus membros uma identidade colectiva, **o que transfere para os sujeitos o papel de definir as suas identidades**, recorrendo a processos que forçosamente envolvem a comparação e o confronto com membros de outras classes sociais. Savage vê nessa individualização de processos que até aqui eram colectivos, um dos aspectos mais radicais da reestruturação contemporânea do modo de actuação das classes. A outra transformação que destaca e à qual chama "o paradoxo da classe", (2000, p.xii) deriva do facto de, apesar das desigualdades económicas e sociais continuarem extremamente marcadas, as pessoas não serem capazes de reconhecer a importância estrutural que as classes têm nas suas vidas.

Um terceiro autor desta corrente, Wendy Bottero concorda com Savage e Devine na conceptualização geral que estes autores apresentam numa análise culturalista das classes, mas acrescenta-lhe uma **visão hierárquica** que, segundo ele, corresponde mais de perto ao modo como as desigualdades funcionam no nosso tempo, além de marcar uma ruptura com a versão oposicional do conceito clássico de classe social: "Os processos individualizados e implícitos das desigualdades posicionais são", diz-nos ela "melhor descritos como estratificação social ou hierarquia. Mas qualquer que seja a nossa linguagem, é importante reconhecer que as questões colocadas pela hierarquia se estendem bastante para além das que emergem das classes" (2004, p.1000).

Um dos ganhos em representar as classes como ordem hierárquica é, defende Bottero, tornar mais compreensíveis os motivos que levam à invisibilidade de processos que estão tão presentes na nossa vida e que são tão decisivos nas oportunidades de que dispomos, nos estilos de vida de que desfrutamos e no sentido que damos à nossa identidade e à dos outros. **Se não temos uma maior consciência reflexiva das identidades**, uma das razões reside na própria natureza hierárquica das diferenciações, isto é, na existência de múltiplos estratos sobrepostos e divididos por fronteiras que nem sempre são nítidas. Mas a representação hierárquica das classes indica-nos ainda outros factores para alargar a compreensão da tendência para a invisibilidade das identidades. Depois de produzidas, as hierarquias mantêm-se e são reproduzidas no âmbito de todo o

tipo de actividades que preenchem o quotidiano dos indivíduos e em relação a muitas das quais não há nem a intencionalidade nem a percepção imediata de que delas resultem lutas de posicionamento, ou que tenham consequências para a identificação dos indivíduos participantes. “Uma vez que as hierarquias estão embebidas nas relações sociais mais íntimas, e ‘localização social’ e ‘cultura’ estão unidas pela natureza estruturada das práticas sociais correntes”, desde que os indivíduos limitem as suas interacções e estilos de vida aos padrões que os seus lugares hierárquicos definem, “as práticas hierárquicas surgem como ‘segunda natureza’, irrelevantes e vulgares” (Bottero, 2004, p.995).

As problemáticas tradicionais que se foram instalando na análise sociológica das classes são marcantes na orientação que estes autores dão às suas tentativas de reterizar as identidades de classe. Ainda assim, ou talvez por isso mesmo, estas e outras ideias desta escola de sociologia dão-nos simultaneamente continuidade e contraponto aos argumentos de uma perspectiva ainda nova de trabalho na antropologia que, através de Ortner e de outras vozes, nos chega do lado de lá do atlântico. É com uns e com outros que conto para dar sentido às projecções identitárias dos meus sujeitos e à singularidade das suas trajectórias de vida.

José Cavaleiro Rodrigues